

**XVI CONGRESSO DE
EDUCAÇÃO FÍSICA DE
VOLTA REDONDA 2025**
ESPORTE PARA TODA A VIDA



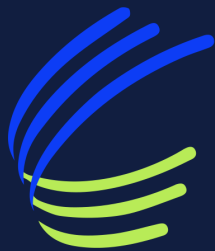
Práticas de Aventura sob a perspectiva dos olhares dos/as discentes de uma escola pública em Volta Redonda

Júlia Mara Dias¹; 0009-0008-4732-6928
Fábio Sampaio Corrêa¹; 0009-0004-5846-813x
Henrique De Sena Ferreira ¹; 0009-0002-7785-3792
Paulo José De Souza Pires ¹; 0009-0007-0653-2752
Fernanda Leocádio¹; 0000-0002-7911-5921

*1 – UniFOA, Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda, RJ.
Fernanda.sombra@foa.org.br (contato principal)*

Resumo: A presente pesquisa, em formato de relato de experiência, teve como objetivo compreender as percepções de alunos/as do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental acerca das Práticas de Aventura, a partir de uma sequência didática desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A metodologia adotada foi qualitativa, de cunho descritivo-interpretativo, utilizando como instrumentos os desenhos, registros fotográficos e as narrativas dos discentes. O referencial teórico ancorou-se nas ideias de Michel de Certeau, analisando os estudantes como sujeitos ordinários que ressignificam a todo instante o espaço escolar. A sequência didática contou com oito encontros que abordaram práticas como trekking, parkour, escalada, slackline e Orientação. Os resultados indicaram que as Práticas de Aventuras despertaram grande interesse, ampliaram a percepção dos estudantes sobre Aventura, promoveram reflexões críticas sobre o ambiente e estimularam o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. As atividades favoreceram a apropriação significativa dos conteúdos, a valorização do risco controlado, a colaboração e o cuidado com o outro. A sequência evidenciou o potencial pedagógico das Aventuras para além da prática física, reforçando sua relevância na formação integral e estimulando a prática destas atividades ao longo de toda vida. Conclui-se que as Práticas de Aventuras, embora desafiadoras diante das limitações escolares e da formação docente, representam uma potente estratégia pedagógica. O PIBID mostrou-se essencial para a construção de saberes práticos, ressaltando o papel formativo de programas que articulam universidade e escola. Este trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, CAAE 77659024.9.0000.0311.

Palavras-chave: Educação Física escolar. Ensino Fundamental. Práticas de Aventura. PIBID. Formação docente.



INTRODUÇÃO

As aulas de Educação Física no Ensino Fundamental detêm um papel indispensável para a formação integral dos alunos, pois trata de um espaço singular, onde os estudantes são capazes de vivenciar atividades que os levam a refletir sobre o próprio corpo, o movimento e sua relação com o outro e com o ambiente.

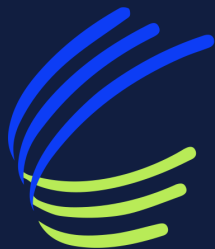
Apesar de ser considerada um componente curricular, com inúmeras possibilidades que vão muito além do desenvolvimento de habilidades motoras, ainda é frequente observarmos que a Educação Física escolar, historicamente, permanece limitada aos esportes tradicionais, como futebol, voleibol, basquete e handebol.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz como “novidade” a inserção das Práticas Corporais de Aventuras como uma de suas Unidades Temáticas e sem dúvida que é a partir da homologação deste documento que as discussões, no campo educacional iniciam, com afinco, pois, antes disso as PCAs apareciam com nomenclaturas diversas e de forma pontual em alguns currículos estaduais e municipais (Freire; Vieira, 2022). A BNCC define chamar de PCAs e as insere entre as seis unidades temáticas do componente curricular Educação Física para os anos finais do ensino fundamental e, superficialmente, menciona a sua tematização no Ensino Médio diluída na Competência 5 da área de linguagens (Brasil, 2018).

A BNCC cita essas práticas como experiências que favorecem o cuidado com o próprio corpo, com o corpo do outro, com o ambiente e também o desenvolvimento da autonomia.

EF89EF19: Experimentar e fruir diferentes práticas corporais de aventura na natureza, valorizando a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais, respeitando o patrimônio natural e minimizando os impactos de degradação ambiental (BRASIL, 2018)

Contudo, a literatura acadêmica aponta que a fragilidade na formação inicial, a incipiente produção científica e a falta de uma sistematização das PCAs na própria BNCC, são desafios que levam os professores de Educação Física a não tematizarem as Aventuras em suas aulas (Inácio *et al.*, 2016; Ferreira *et al.*, 2023). As Aventuras, seja no sentido definido pela BNCC, sejam em outras formas de nomear e de se estruturar nas aulas de Educação Física, precisam ser objetos de reflexão e de ação dos professores em espaços-tempos de



formação continuada, como forma de responder às demandas atuais de ensino-aprendizagem (Inácio, 2021).

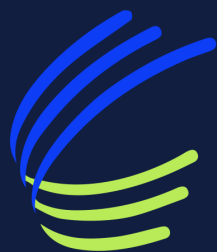
Além disso, a ausência de espaços apropriados nas escolas, a escassez de materiais e a falta de apoio da gestão escolar também dificultam a inserção dessas atividades no ambiente escolar (França, 2016).

Diante desta fragilidade na formação inicial dos(as) licenciandos(as) de Educação Física, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) tem representado, para muitos acadêmicos, uma ponte concreta entre a Universidade e a Escola. Um espaço formativo que possa contribuir, como nos aponta Nóvoa (1999) com o desenvolvimento das *identidades docentes*.

Neste contexto formativo, dimensionado pelo governo federal, pode-se destacar o Programa Institucional de Bolsistas de Iniciação à Docência (PIBID), ação inserida nos cursos de formação inicial, que na área da Educação Física apresenta intrínseca relação com o fazer pedagógico do futuro profissional, possibilitando uma aprendizagem plural da docência.

Contribuindo para a formação dos(as) nossos(as) futuros(as) professores(as), discutimos e construímos de forma coletiva, uma sequência didática sobre as Práticas de Aventuras, a fim de proporcionar para os(as) estudantes da Educação Básica experiências com as Práticas de Aventuras envolvendo trekking, parkour, escalada, slackline, Práticas de Orientação e alguns jogos de equilíbrio e vertigem.

Sendo assim temos como objetivo deste relato: apreender quais foram as percepções dos(as) estudantes durante a vivência a fim de identificar o significado destas experiências para eles(as).



MÉTODOS

O presente estudo emerge dos desdobramentos de uma ação pedagógica desenvolvida durante o estágio supervisionado dos(as) estudantes do curso de Licenciatura em Educação Física, integrantes do Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), realizada com adolescentes do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental.

Realizamos um estudo do tipo descritivo-interpretativo no formato de um relato de experiência. Este formato de produção e de apresentação dos conhecimentos produzidos visibiliza a potência das ações pedagógicas escolares, visto que no âmbito acadêmico vêm sendo reconhecidas e valorizadas como um tipo de saber relevante (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2021). Concordamos com Mussi; Flores; Almeida (2021) de que elas representam um mecanismo valioso para compreendermos com mais precisão a realidade escolar no tocante aos seus desafios e possibilidades de qualificar a formação integral dos estudantes.

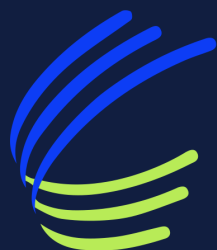
Desta forma objetivamos com a prática pedagógica focalizada neste estudo: apreender quais percepções os(as) estudantes da Educação Básica, especificamente discentes do 6º e do 7º ano do Ensino Fundamental têm acerca das Práticas de Aventuras, considerada pela literatura a grande “novidade” da BNCC.

Inspirados(as) no referencial teórico de Michel de Certeau (2014), entendemos os sujeitos da pesquisa como os sujeitos ordinários¹, de Certeau e compreendemos a escola na perspectiva das noções de espaço e lugar². Com o intuito de produzir os dados, utilizamos os desenhos, registros fotográficos e as narrativas dos (as) estudantes.

No que se refere às intervenções pedagógicas, realizamos uma sequência didática com 8 encontros, vejamos o quadro a seguir:

¹ Para o autor, sujeitos ordinários são sujeitos comuns, que não consomem de forma passiva, o que lhes são impostos. Eles subvertem a lógica dominante por meio de suas práticas. Pois é no cotidiano que as inúmeras práticas sociais se materializam e constituem a essência de cada indivíduo que, embora singular, constitui-se de pluralidades, demarcando, assim, a complexidade inerente tanto à individualidade quanto à coletividade. (Certeau, 1998)

² Para Certeau lugar e espaço são distintos, o lugar é estático com regras estratégias fixas e estabelecidas, já o espaço é onde o praticante realiza seus usos e apropriações fazendo deste lugar praticado em que se estabelecem as táticas dos sujeitos ordinários.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

DATA	ATIVIDADE	OBJETIVO
1º encontro	JOGOS DE VERTIGEM	Experimentar as sensações de vertigem e desequilíbrio de forma lúdica.
2º encontro	PRÁTICAS DE ORIENTAÇÃO	Conhecer de maneira sucinta o histórico e os equipamentos desse esporte; Vivenciar o percurso da escola identificando elementos cartográficos no espaço escolar.
3º encontro	CRIAÇÃO DE PRISMAS E MAPAS	Confeccionar de equipamentos como prismas e mapas; Construir percursos no espaço escolar; Vivenciar percurso de Orientação, aprimorando a percepção espacial.
4º encontro	PESQUISA SOBRE ESCALADA	Pesquisar a história, o conceito, equipamentos de segurança utilizando o recurso tecnológico.
5º encontro	ESCALADA VERTICAL E HORIZONTAL	Realizar a empunhadura da escalada e experimentar as sensações provocadas durante o desenvolvimento nos dois planos.
6º encontro	SLACKLINE BRINCADEIRAS POPULARES COM ÊNFASE NO EQUILIBRIO	Conhecer a modalidade slackline, suas principais características e formas seguras de desenvolver a atividade; Vivenciar a travessia na fita de slackline, utilizando apoio, promovendo a responsabilidade com a segurança do outro; Experimentar brincadeiras populares como perna de pau, pé de lata, aprimorando equilíbrio e coordenação, promovendo o resgate e a valorização da cultura popular brasileira.
7º encontro	PARKOUR	Conhecer aspectos inerentes à prática do parkour; Vivenciar movimentos básicos do parkour.
8º encontro	TREKKING	Realizar uma caminhada pelo bairro, identificando elementos naturais e os impactos causados pela ação humana

Em nosso primeiro encontro apresentamos para os(as) estudantes o histórico das Práticas de Aventura, as principais características dessas práticas como a vertigem (equilíbrio), as fortes emoções, o gerenciamento do risco controlado.

Figura 1: Atividades para prática de equilíbrio



Fonte: autoria própria.

Na próxima intervenção trabalhamos com os(as) adolescentes as Práticas de Orientação. Foram apresentados os equipamentos dessa modalidade, o histórico de forma teórica. Logo após, tiveram a oportunidade de vivenciar um percurso dentro da escola, utilizando mapas, bússolas e prismas.

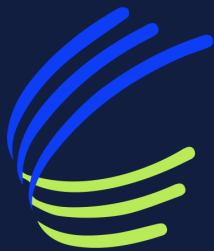
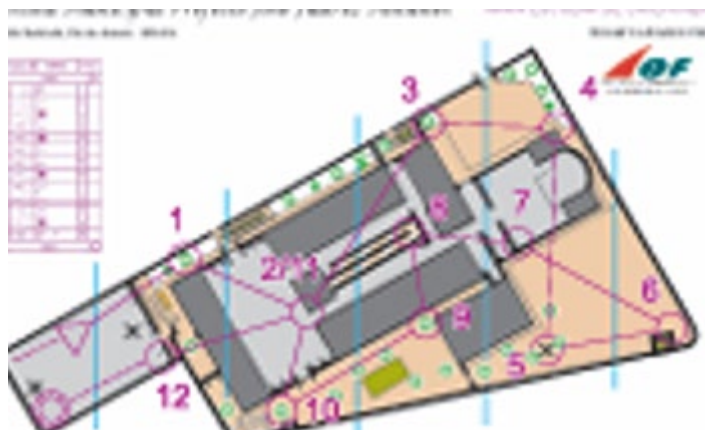


Figura 2: Mapa de orientação da escola



Fonte: autoria própria

No 3º encontro como um desdobramento do 2º encontro, os(as) estudantes foram convidados(as) a confeccionar os próprios mapas e construir seus percursos, em seguida, orientamos os(as) estudantes a trocarem seus mapas e experimentarem os percursos criados pelos(as) colegas. Desta forma, eles puderam aprimorar as noções de cartografia e geografia, utilizando elementos da matemática como retas, pontos, escalas. Segundo (Leocádio, 2022) esta prática tem grande potencial pedagógico, devido sua característica transdisciplinar.

As Práticas de Orientação é uma estratégia pedagógica para os(as) estudantes fazerem usos e apropriações (Certeau, 2014) do lugar escola, explorando estes lugares e transformando-os em espaços praticados.

Na próxima aula, iniciamos um debate com os(as) adolescentes sobre escalada, uma prática comum desde os primórdios e que se tornou esporte olímpico recentemente. Solicitamos que eles(as) fizessem uma pesquisa utilizando os cromebooks da escola.

Figura 3: Confeção do mapa pelos alunos.



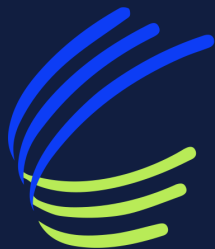
Fonte: autoria própria.

No 5º encontro, fizemos uma vivência preparada pelos(as) bolsistas do PIBID, em que a proposta era vivenciar o deslocamento da escalada nos planos verticais e horizontais. O objetivo era que os(as) adolescentes pudessem experimentar diferentes formas de se deslocarem no espaço.

Figura 4: Escalada horizontal e vertical.



Fonte: autoria própria.



No próximo encontro, realizamos uma atividade em que trabalhávamos o equilíbrio utilizando o slackline, uma Prática de Aventura urbana que vem crescendo bastante na atualidade. Aproveitamos nesta intervenção e articulamos com brinquedos tradicionais como pé de latas e perna de pau. Estas vivências contribuíram para trabalharmos a importância do outro para realização da travessia da fita de slackline, concomitante com o compromisso de quem estava dando o apoio, a responsabilidade com a segurança do colega. Trabalhamos com a turma as questões de confiança e do cuidado com seu próprio corpo, com o corpo do colega e com o Meio Ambiente. Em muitos casos, a fita é presa em árvores, neste sentido é preciso calcular se o tronco está adequado e usar equipamentos para proteger a árvore.

Figura 5: Travessia da fita de Slackline.



Fonte: autoria própria.

A tematização do parkour aconteceu no 7º encontro, no primeiro momento, assistimos a alguns vídeos sobre a modalidade. Fizemos uma breve conversa sobre as principais

características, o histórico e a filosofia dos praticantes de parkour para contextualizar a atividade.

Figura 6: Alunos praticando Parkour.



Fonte: autoria própria.

No 8º e último encontro da sequência didática, fizemos um trekking no bairro. Ao caminhar pelo bairro, muitas descobertas foram feitas pelos(as) estudantes. Eles(as) tiveram a oportunidade de olhar as ruas do bairro com outras lentes. Tivemos o relato impressionante de uma aluna ao observar uma montanha de escória, dejetos tóxicos produzidos pela Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), depositados ao lado do rio Paraíba do Sul.

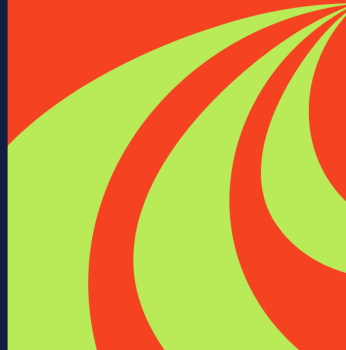
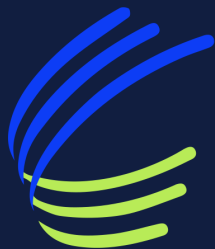


Figura 7: Alunos realizando trekking pelo bairro.



Fonte: autoria própria.

Estudante 1 *“Eu pensei que era uma montanha, que tivesse nascido ali”*

Fizemos uma parada durante o trekking, bem no ponto mais alto do bairro, onde temos a vista do Rio Paraíba do Sul, importante rio da região e a montanha de escória, falamos sobre a contaminação do ar, do solo e da água. E os(as) estudantes fizeram as seguintes observações:

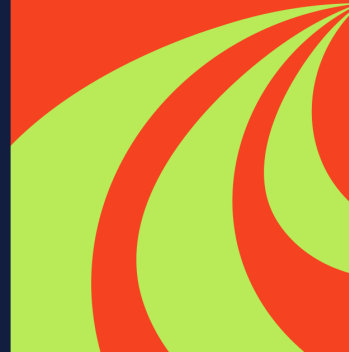
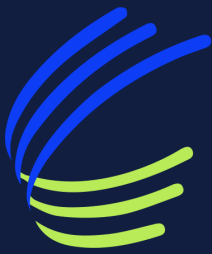
Estudante 2: *“É por isso, que na casa da minha tia eu respiro melhor”*

Uma das adolescentes deu a seguinte sugestão como forma de combater a poluição causada pela montanha de escória próxima à escola:

Estudante 3: *“Podíamos fazer um abaixo-assinado e mandar pra Prefeitura”*

Estudante 4: *“Não ia adiantar de nada”*

Foi a resposta de outro adolescente à sugestão da colega.

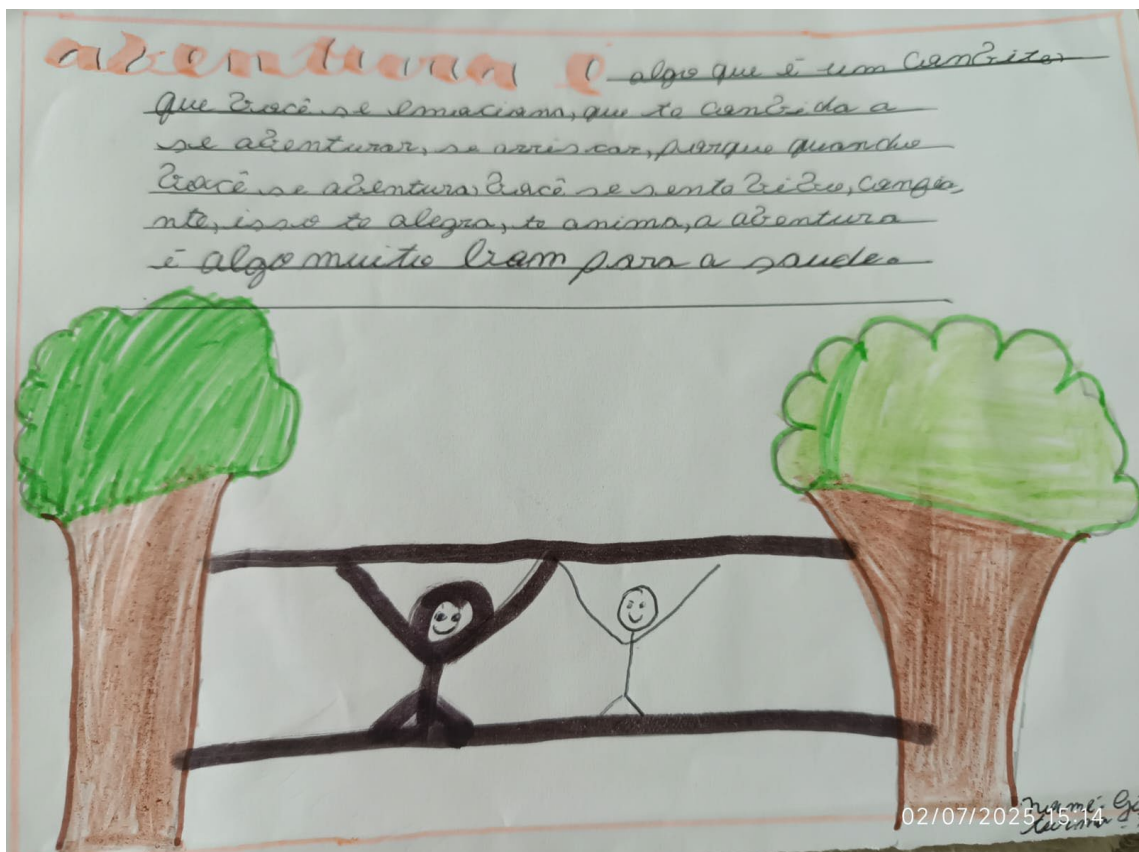


Nesta atividade, os(as) adolescentes teceram muitos comentários a respeito de um cansaço físico, devido ao pequeno esforço que a atividade exigia, o que não comprometeu o desejo de repetir a atividade.

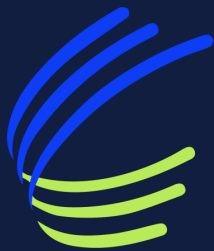
Ao final da sequência didática (SD) foi solicitado aos alunos para desenharem o que mais gostaram durante a SD e na opinião deles(as) e o que significava Aventura.

Vejamos alguns registros feitos pelos(as) discentes:

Figura 8: Desenho retratando a prática do Slackline.



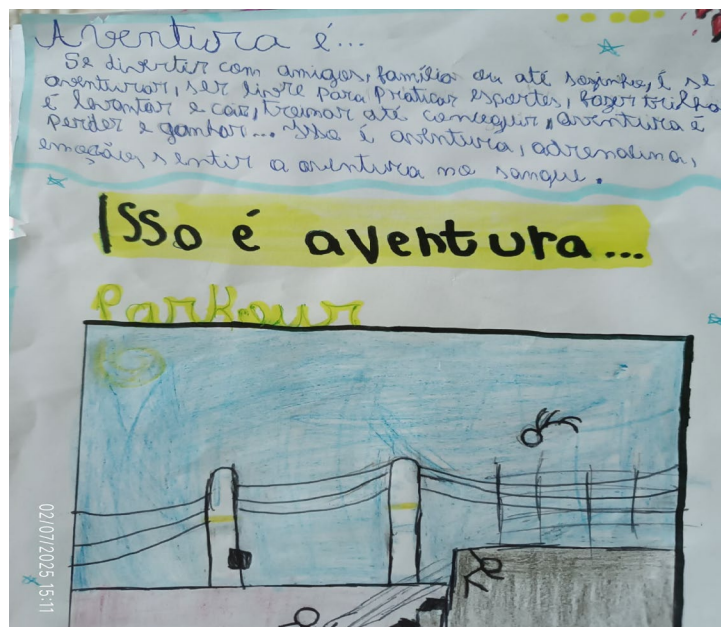
Fonte: autoria própria.



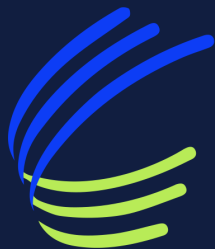
Ainda que não tenha sido o foco principal da aula, comentário do(a) aluno(a) reconhece a importância destas práticas na manutenção da saúde, ele(a) apresenta uma ampliação do conceito de saúde, enfatiza as emoções, alegria, ânimo e reage “**você se sente vivo**”.

Um aspecto que trabalhamos bastante em aula foi uma das características inerentes à Aventura que é o risco calculado. O risco calculado se refere a situações que ocasionam um determinado nível de incerteza e perigo, mas que são planejados previamente para que possam ser conduzidos da maneira mais segura possível. O risco de forma calculada, auxilia os alunos a reconhecerem os seus próprios limites e respeitando o limite dos colegas. Sendo assim, o risco passa de ser simplesmente um fator de perigo, para ser um recurso pedagógico e educativo (Corrêa *et al.*, 2020). Segundo o relato do(a) discente a Aventura é um convite ao arriscar-se, e uma vez que o convite é aceito pelo(a) praticante emergem todos sentimentos e emoções destacados pelo(a) aluno(a).

Figura 9: Desenho confeccionado por um aluno, retratando o Parkour.



Fonte: autoria própria.



Historicamente a Educação Física opera na lógica dominante que utiliza dos esportes tradicionais como meio para exclusão dos menos habilidosos, pregam a competição exacerbada (Franco; Cavasini; Darido, 2014). Interessante no registro do(a) discente, que ele não coloca derrota e vitória como antagonicos, assim como quando ele utiliza “*levantar e cair*”, dando a noção de processos. As Práticas de Aventura no contexto pedagógico, rompem com lógica competitiva, que muitas vezes considera finalizar um percurso de Orientação, um trekking ou uma escalada uma vitória. A competição é substituída pela superação dos obstáculos e desafios impostos pelo próprio ambiente. Também está relacionada com o trato dos próprios sentimentos.

Nessa imagem abaixo, o olhar para as Aventura apresentada pela discente transcende as questões conceituais e técnicas apresentadas pela BNCC, na percepção dela as Aventuras vão para além dos ambientes que são praticadas, das práticas institucionalizadas como preconiza a BNCC:

Neste documento, optou-se por diferenciá-las com base no ambiente de que necessitam para ser realizadas: na natureza e urbanas. As práticas de aventura na natureza se caracterizam por explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante na geração da vertigem e do risco controlado, como em corrida orientada, corrida de aventura, corridas de *mountain bike*, rapel, tirolesa, *arborismo* etc. Já as práticas de aventura urbanas exploram a “paisagem de cimento” para produzir essas condições (vertigem e risco controlado) durante a prática de *parkour*, *skate*, patins, *bike* etc. (BRASIL, 2018)

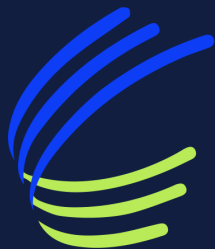


Figura 10: Desenho feito por uma aluna.

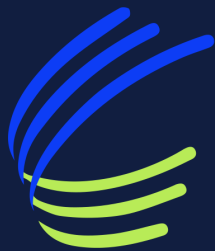


Fonte: Autoria própria.

CONCLUSÕES

O relato de experiência apresentado demonstra a viabilidade e a relevância da inserção das Práticas de Aventura no contexto escolar, especialmente no Ensino Fundamental, conforme proposto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A sequência didática desenvolvida no âmbito do PIBID evidenciou que, mesmo diante dos desafios estruturais e formativos, é possível promover vivências significativas que transcendem os esportes tradicionais e contribuem para a formação integral dos estudantes.

Os resultados obtidos apontam para uma ampliação das percepções dos alunos sobre as Práticas das Aventuras em se tratando do contexto escolar que vão para além dos conceitos apresentados na BNCC. Os(as) aprendizes associaram as Aventuras não apenas à atividade física, mas também ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais, à superação de desafios e à conexão com o ambiente. Os registros dos estudantes, por meio de desenhos e narrativas, revelaram que as práticas foram capazes de despertar emoções,



promover a colaboração e estimular reflexões críticas sobre questões ambientais e sociais, como observado durante a atividade de trekking.

Além disso, a experiência destacou a importância do PIBID como um espaço formativo que aproxima a Universidade da Escola, permitindo aos licenciandos vivenciar e refletir sobre práticas pedagógicas inovadoras. A articulação entre teoria e prática, mediada pelo programa, mostrou-se essencial para a construção de identidades docentes comprometidas com a diversificação das atividades em Educação Física.

Por fim, este relato reforça a necessidade de investimentos em formação continuada para professores(as), a instituição e permanência de Programas como o PIBID e o Residência Pedagógica que oportunizam aos futuros(as) docentes a vivência da práxis contribuindo em seus processos formativos. A superação dos desafios apontados na literatura e observados na prática pode transformar as Práticas de Aventuras em significativas possibilidades nas aulas de Educação Física, alinhado às demandas contemporâneas de Educação e à promoção de uma aprendizagem mais dinâmica, inclusiva e significativa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base. Educação Infantil e Ensino Fundamental – Versão Final.** 2018. Ministério da Educação. Disponível em: <http://basenacional-comum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2025.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano 1.** Artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 4^a ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CORRÊA, Liciane Vanessa de Oliveira Mello *et al.* Práticas Corporais de Aventura e biografias de Movimento na Educação Física Escolar. **Revista Humanidades e Inovações.** V7, n 10, 2020.

FERREIRA, V. A *et al.* Formação docente e sistematização de conteúdos sobre as Práticas Corporais de Aventura: uma pauta urgente. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. v 37, 2023.

FRANCO, Laércio Claro Pereira; CAVASINI, Rodrigo; DARIDO, Suraya Cristina. Práticas corporais de aventura. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli (orgs.). **Práticas Corporais e a Organização do Conhecimento**. Livro 4: Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura. Maringá: Eduem, 2014. p. 101-136.

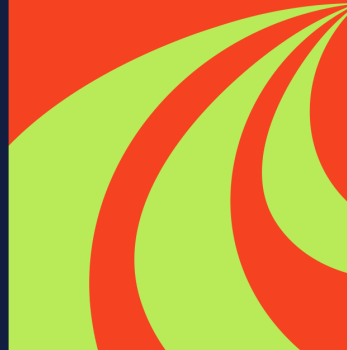
FRANÇA, Dilvano Leder de. **Práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física**: as possibilidades pedagógicas no 5º ano do Ensino Fundamental. 220 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

FREIRE, E. dos S.; VIEIRA, P. de B. A. Educação Física Escolar. In: FINARDI, F.; ULASOWICZ, C. (Org.). **Aprendendo práticas corporais de aventura na educação física**: da escola à universidade. Curitiba: CRV, 2022. p. 19-36.

INÁCIO, H. L. D. *et al.* Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios-reflexões para além da base nacional comum curricular. **Motrivivência**, v. 28, n. 48, p. 168-187, 2016.

INÁCIO, H. L. D. Proposta de classificação das práticas corporais de aventura para o ensino na educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.43, 2021.

LEOCÁDIO, Fernanda. **Práticas de Orientação: os percursos da formação inicial dos professores de Educação Física**. 127f. Dissertação do mestrado profissional- Mestrado profissional em ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente, Centro Universitário de Volta Redonda (UniFOA), Volta Redonda, 2022.



NÓVOA, António. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. **Educação e pesquisa**, v. 25, p. 11-20, 1999.